

MUITAS HISTÓRIAS PARA CONTAR

Inevitável lembrar. Em 1991, a festa de lançamento de *Marie Claire* no Brasil aconteceu debaixo de um temporal. A entrada do prédio alagou e convidadas tiveram de ser carregadas no colo pelos seguranças. Certas de que a chuva era um bom presságio, dançamos a noite inteira.

Em 1992, participamos pela primeira vez, Regina Lemos (então diretora de redação) e eu (na época, diretora de arte), do Seminário Internacional de *Marie Claire*, em Paris. Naquela época, o grupo ainda era pequeno, cabíamos todos em volta de uma mesa e fazíamos nossas apresentações em um retroprojetor... Hoje, o título é publicado em 35 países e somos mais de 150 participantes. A responsável pela expansão da marca é Laurence Hembert, diretora-executiva das edições internacionais, companheira dessa fascinante trajetória.

Os seminários aconteciam no final de setembro e já ficávamos por lá para ver as coleções europeias. O Brasil ainda não fazia parte do mapa da moda. Recebíamos convites para ver os desfiles em pé, nas últimas fileiras. Um sufoco, mas divertidíssimo. Em 1994, o visionário Paulo Borges lançou, no País, o primeiro Phitoervas Fashion, embrião do que se tornaria a São Paulo Fashion Week. Foi só a partir daí que Claudia Berkhout – então editora de moda – e eu pudemos nos sentar na icônica primeira fila dos desfiles. Tivemos o privilégio de acompanhar a profissionalização da indústria fashion no Brasil e o nascimento do jornalismo de moda. Também em 1994, fui convidada a assumir a direção de redação, o que aceitei com muito prazer. Sempre adorei a mistura de reportagens densas com páginas glamourosas de moda, beleza e lifestyle quando era leitora da *Marie Claire* Francesa. E agora eu iria dirigir a edição brasileira! Um desafio e tanto. Afinal, era a primeira vez que uma diretora de arte assumia o comando de uma revista com forte tônica no jornalismo. Garanti o sucesso dessa ousadia convidando

editoras com formação em *hardnews* egressas de jornais diários. Quando recebemos o “Prêmio Esso de jornalismo por melhor contribuição à imprensa no período de 1995”, tive certeza de que estava no caminho certo. Até hoje, somos a única revista feminina a ter recebido essa honra.

Muito mais do que uma carreira, minha longa temporada à frente da revista foi um processo de formação e desenvolvimento pessoal. Conviver com a grande tribo feminina, me solidarizar com suas dores, defender seus direitos e celebrar suas conquistas fizeram de mim a mulher que sou hoje.

E o avanço tecnológico? Foi um longo processo, até o dia em que todas as máquinas de escrever, os filmes e fotolitos saíram de cena. No seu lugar, entraram os computadores. Mais tarde, vieram os tablets, os blogs, as mídias sociais, o *e-commerce* e, claro, as meninas do *online*. Espertas e antenadas, construíram, junto com a equipe *offline*, o site de maior audiência no segmento de revistas femininas. Um orgulho!

Foram 22 anos de realizações e muito champanhe. Agradeço. Tive e tenho muito a brindar. Não penso nesses momentos com saudade, porque carrego todos eles dentro de mim. Essa história sou eu. Agora, que deixo de dirigir a *Marie Claire*, volto a ser sua leitora. Era exatamente isso que eu era quando me reuni num pequeno restaurante com Regina Lemos (1949-1996) para fazer uma das melhores conspirações de nossas vidas: trazer o título que adorávamos para o Brasil.

Também me recordo muito bem do meu primeiro encontro com Katia Del Bianco, que foi nossa editora de beleza por mais de 15 anos. Na época, recém-chegada da França, onde morou por alguns anos, estreava na revista como stylist de beleza. Junto com o fotógrafo Fernando Louza – que nos ajudou a construir a identidade visual da revista desde o número zero –, ela preparava uma matéria sobre cabelos. E é para essa mulher linda, ruiva e inteligente, que tenho o prazer de passar o bastão. Tim-tim!



MÔNICA SERINO
diretora de redação